

Visita foi

inusitada

ARAUJO NETTO

Correspondente

ROMA — O inusitado dominou as duas horas e quinze minutos da presença do presidente Fernando Henrique Cardoso, ontem, na Cidade do Vaticano, reino do papa, talvez o mais importante microterritório do mundo — tem 440 mil metros quadrados, 55 mil dos quais ocupados pelo Palácio Apostólico, de onde o pontífice governa cerca de 900 milhões de católicos espalhados em todo o mundo.

O próprio fato de ter sido caracterizada como “visita de Estado”, a de mais alto nível, que impõe ao visitante e sua comitiva o uso de casacas, para homens, e vestidos longos e negros, para mulheres, pode ser considerado outro inusitado. No discurso do presidente Fernando Henrique, outro fato inusitado foi o tratamento que ele dispensou ao papa. Contrariando convenções e praxes, que recomendam dirigir-se ao pontífice como Sua Santidade ou Santo Padre, Fernando Henrique preferiu invocá-lo como “beatíssimo padre”.

Tratamento que tudo indica foi apreciado por João Paulo II, que ao receber o chefe de governo do Brasil não teve medo de parecer exageradamente atencioso — contrariando a rotina e as regras do rígido cerimonial da Santa Sé, o papa não esperou Fernando Henrique à porta de sua biblioteca. Caminhou 50 metros para ir ao encontro de seu hóspede, na Sala Clementina do Palácio Apostólico, onde saudou e começou a conversar com o presidente brasileiro.

Extravagância — Ver a Praça e a Basílica de São Pedro fechadas aos turistas e aos romanos durante toda a manhã de ontem foi talvez a maior das extravagâncias determinadas pela presença de Fernando Henrique. A polícia recebeu ordens expressas para interditar o local a fim de que a visita do presidente pudesse se encerrar com uma prece do casal Cardoso (contritamente ajoelhado) diante do altar-mor construído sobre o túmulo de São Pedro e com a execução do hino brasileiro por uma bandinha da Cidade do Vaticano. O presidente e a primeira-dama contaram ainda com uma companhia de guardas-suíços (tradicional exército do papa) perfilados e vestindo as coloridas fardas de gala desenhadas por Miguel Ângelo.

Nas imediações da Praça São Pedro, os jornalistas tiveram a confirmação de que o Real, hoje, é definitivamente moeda forte, respeitada e aceita até pelos camelôs que oferecem aos turistas vários tipos de “souvenirs” de Roma, do Vaticano e de João Paulo II. O mais difícil foi escolher o camelô que oferecia o maior número de rosários abençoados pelo papa por apenas R\$ 5.

Entre tantas pessoas que protestavam contra o fechamento da praça e da basílica, até as 13h30 de ontem, não faltou um romano irreverente que, ao descobrir que o responsável por tudo aquilo era uma autoridade do Brasil, quis saber se o presidente era ainda Paulo Roberto Falcão — ex-jogador brasileiro de futebol que nos anos 80 foi ídolo da torcida da capital italiana, onde era tratado como o “Oitavo Rei de Roma”.

Sinal da cruz — No diálogo de 35 minutos que Fernando Henrique Cardoso teve a sós com João Paulo II — sempre falando em português —, o inusitado correu por conta de uma pergunta direta do presidente ao papa: “Por que o Brasil tem só cinco cardeais, sendo o país com o maior número de católicos do mundo?” Pergunta que, insolitamente, o papa preferiu não ouvir.

No longo elenco de fatos extraordinários, extravagantes ou inusitados devem ser considerados também o sinal da cruz feito pelo agnóstico Fernando Henrique Cardoso antes de se despedir do papa, assim como a cena do presidente e da primeira-dama brasileiros, ajoelhados, no altar-mor da Basílica de São Pedro e a resposta do presidente a uma repórter que quis saber se depois da visita ao Vaticano ele deixara de ser ateu.

“Considero-me melhor cristão do que muitos que se dizem grandes católicos”, declarou.